# DISCURSOS

**A 20 de Abril de 1950, o Instituto do Ceará, através de uma sessão especial, associou-se às comemorações das bodas de prata episcopais de Dom Antonio de Almeida Lustosa, Arcebispo de Fortaleza e sócio efetivo da Casa do Barão de Studart. Vão a seguir publicados os discursos do Dr. Andrade Furtado, em nome do Sodalicio, e de Dom António Lustosa, agradecendo, intitulados, respectivamente, "Figura de Apóstolo e "A grandeza do Episcopado".**

**A 17 de Janeiro deste ano, em sessão solene, foi empossado o novo consócio Boanerges Facó, recebido pelo Prof. Dolor Barreira, que falou em nome do Instituto.**

**Igualmente, a 30 de Março seguinte tomou posse de sua cadeira no Instituto do Ceará o Dr. Francisco Alves de Andrade, pronunciando o discurso de recepção o consócio Renato Braga.**

**A essas peças oratórias damos divulgações.**

## Do Dr. ANDRADE FURTADO

O "Instituto do Ceará", na reunião de hoje, presta uma homenagem do mais alto apreço ao seu eminente consócio, Dom António de Almeida Lustosa, por motivo da passagem do 25° aniversário da sua sagração episcopal.

A família conterranea celebrou tão expressivo acontecimento com vivas demonstrações de alegria Este sodalício, a que pertence o ínclito Prelado, quis, em boa hora, associar-se ás manifestações tributadas a uma figura de Apóstolo, cuja projeção no cenário das letras é reconhecidamente título de honra para os nossos foros de intelectualidade e de cultura.

No período da festa jubilar do ilustre Antistite, lágrimas misturaram-se a tanta efusão de contentamento. Veio a desaparecer o seu inesquecivel antecessor no Governo da Arquidiocese de Fortaleza, Dom Manuel da Silva Gomes.

Encheu-se de luto o coração dos católicos e, particularmente, o Episcopado e o Clero Cearense. O venerando e saudoso Pastor, que dedicara a vida inteira ao bem espiritual e material do seu rebanho, fora, em verdade, modelo de abnegação no exercício das suas altas funções.

A sua morte abriu profunda mágoa n'alma da nossa gente. Dom António, ante a perda do grande amigo e luminar da Fé, tendo em vista a nossa insistência, recebe este preito de admiração e de justiça, que o "Instituto" lhe oferece, como dirigido á Igreja mesma, na continuidade ininterrúpta do seu ministério de bençãos.

Realmente, o Arcebispo não se pertence: — Dá-se todo a todos, na expressão de São Paulo.

Achámos do nosso dever significar, na oportunidade de uma efeméride tão expressiva, o quanto nos merece o companheiro, cujo convívio, nos trabalhos desta casa, sobremaneira nos dignifica e nobilita.

Temos em Dom António de Almeida Lustosa, de facto, um autêntico pesquisador das preciosidades regionais deste trecho do Brasil, onde exerce com operosidade infatigável o munus evangélico.

O tempo, que lhe sobra, dos exaustivos labores de cada dia, é aproveitado, valiosamente, em benefício do conhecimento e divulgação de tudo o que se relaciona com este querido pedaço da Pátria.

Nas Visitas Pastorais, as peculiaridades do nosso meio, as expressões típicas da linguagem sertaneja, as riquezas da flora ou usos e hábitos que representam nota singular da fisionomia social do nosso clima são objectos de anotações e comentários interessantes.

Assim, tem enriquecido a nossa literatura de páginas admiráveis que edificam e encantam, afirmando-se um dos mais argutos observadores da paisagem e do homem deste recanto nordestino.

Não ficam, porém, aí as preocupações do escritor primoroso, que é o autor da memorável Pastoral sobre as Secas do Nordeste. A ação que desenvolve, em prol das classes necessitadas, assume importancia máxima, nestes dias de tão angustioso padecimento para a pobreza abandonada.

Don António de Almeida Lustosa sugere á mentalidade coestadana, com as suas iniciativas beneméritas, a lembrança da caridade da Igreja que se estende por todos os setores da vida e todos os quadrantes da Terra.

A Mensagem do Evangelho tem isto de extraordinario e fecundo: — tudo o que é humano está impregnado do mistério da Redenção.

A doutrina social do Sumo Pontificado repercute, por um desígnio sobrenatural, em todo o mapa do mundo civilizado.

Attle, primeiro ministro do Inglaterra, tem razão em considerar a Rússia Soviética um dos países mais atrasados do Globo, um dos países onde menos se pensa no sofrimento do povo ...

Cristo revelou a todo o Universo a dignidade da pessoa humana. Ela está muito acima do valor do dinheiro!

Todas as coisas, consoante a lição de Santo Agostinho, foram criadas para o Homem e o homem só para Deus.

Nada mais bárbaro do que a escravização das criaturas ao regime

do materialismo embrutecedor, ao império do economico sem moral e sem alma.

Vemos a moeda espiritualizar-se nas mãos dos arautos do amor cristão e produzir uma seara de benemerências, opulenta e inaudita.

Os factos são eloquentes! Acreditamos na fecundidade do Bem! A Igreja continua a ser, neste século de tremendos desníveis humanos, a grande defensora dos princípios naturais de preservação contra as forças do mal.

No meio do báratro dos sistemas de filosofia da época e dos programas de reforma economica desatinados, é a Sabedoria Perene da Mestra infalivel que há de orientar os destinos da Humanidade.

A lógica do Cristianismo é a dinamica do Amor. A caridade paira acima do ódio. É arma vitoriosa nos combates pela conquista das conciências para suplantação do arbítrio, a serviço das tiranias.

Em um quarto de século de exercício do sagrado munus apostólico — Dom Antônio de Almeida Lustosa vem demonstrando, nos sólios onde pontificou, em Uberaba, Estado de Minas, em Corumbá, centro de Mato-Grosso, em Belém do Pará e, por último, na Arquidiocese de Fortaleza, que a missão do Catolicismo é derramar o bem em larga escala no seio das multidões.

A convicção que nos dá, em tantas cartas pastorais luminosas, escritas com animo de espalhar a verdade e mitigar a dor, é a de que a salvação do Mundo só nos vem de Cristo.

O seu empenho, nesses documentos de subido mérito doutrinário, torna-se evidente — suprir as deficiências e corrigir as infidelidades de uma imensa parcela de cristãos que não vive a sua Fé.

Por uma coincidência notável as bodas de prata do nosso amado Metropolita ocorrem neste Ano Santo, que o Soberano Pontífice chamou "Ano de Deus", como que um Pentecostes especial da comunicação das graças do Salvador.

Ano do retorno a Cristo, Ano de Perdão, ainda no conceito do Santo Padre.

Pois é nestes dias de glorificação da vida espiritual, nestes dias de triunfo esplêndido para a Cristandade, entre as consolações de sentir, como afirma o Vigário de Roma, que "as pegadas de Deus são indeléveis: mão alguma de homem as pode apagar" — que o Antístite Cearense vê defluir o seu 25º aniversário de sagração. Neste percurso de tempo, quantos benefícios derramados em torno de sí! A tarefa de um Sucessor dos Apóstolos excede em grandeza e em nobreza toda a concepção humana. "É o que se traduz desta solene afirmação de Giovanni Papini: — "Saibam os que trabalham para conjugar os males presentes, os que quebram a cabeça para dar solução aos conflitos sociais, que os únicos que podem sanar a Humanidade, porque contam com remédios sobrenaturais, os únicos que

podem preencher esta missão entre os povos, elevar-se a Deus e alcançar-nos um raio de bondade e de amor, são esses sêres abençoados que Jesús enviou pela terra, como o Pai enviou a Ele".

É, realmente, o fermento do Evangelho que, por toda a parte, leveda a massa humana, e François Mauriac reconhece que o facto é incontestável, no mundo civilizado, como no mundo oriental, onde um bárbaro, para além da "cortina de ferro" se arroga o título de senhor dos espíritos. O que caracteriza o Cristianismo é o culto dos pequenos, dos humildes, dos fracos, dos desgraçados, e, no dizer de Grandmaison, o "miserior super turbam" e o apelo constante á responsabilidade das "elites".

Vemos, entre nós, como esta realidade palpita nas obras de beneficência empreendidas pelo Chefe da Igreja! O seu programa de alargamento das fronteiras da Fé, no campo social e mental, baseia-se, como é da essência da doutrina pontifícia, em três fortes pilares: — a verdade, a justiça e a caridade cristã. A esse pragrama poderemos chamar, na metáfora de Bossuet, o Evangelho realizado!

Bem disse Pio XII: — a Igreja, no seu amparo aos desamparados, na sua ação social, possui tal riqueza de forças positivas e construtivas que não precisa de as pedir a ninguém. Há necessidade, apenas, de que os católicos, em todos os domínios, como é urgente e indispensável no dizer de ilustre Prelado francês, se coloquem na primeira fila de reconstrutores, para fazerem prevalecer, em toda a parte, graças aos seus princípios, a liberdade, a paz e a ordem.

Salvai o homem e tereis salvo o mundo! E' este o grito de comando que parte das colinas do Vaticano e repercute em todas as latitudes do Planeta.

Aqui, neste rincão fertilizado por tantos sofrimentos, bem sentimos o esforço do Pastor Angélico, reflectido no seu emissário, vivamente empenhado na empresa de evangelização das almas.

Chamou Dom António o Ceará — Terra Missionária. A Cruz de Cristo enobrece todas as outras, como disse um pensador contemporáneo. É a adversidade do meio hostil, por certo, que dá a fibra de tenacidade á nossa gente e a confiança invacilável com que enfrenta as incertezas do futuro.

Bem aprendemos, na lição contínua dos factos, que Deus reserva para sí o dia de amanhã. Colocamos na Providência do Senhor toda a confiança, uma vez que, como faz notar Henri Perreyve, a nós dá-nos apenas a hora presente para amarmos a justiça e odiarmos a iniquidade.

Em nossa condição de povo pobre, sujeito ás alternativas climáticas que, de tempos em tempos, destróem as reservas econômicas acumuladas, aprendemos, nas tradições que nos legaram os ante-passados, a oferecer ao mundo uma concepção da vida baseada na lealdade e na confiança, no respeito á liberdade e na compreensão das necessidades do povo.

Além disso, conforme acentuou Ruy Barbosa, somos uma raça pro-

fundamente sentimental, e o coração é órgão da fé, orgão da esperança, orgão do amor.

Assim, entendemos melhor o sentido verdadeiro da cultura e do progresso, colocando a ciência, realmente, a serviço dos homens, para torná-los, como observou o Cardeal Camara, mais aproximados, mais unidos, mais solidários.

A' frente da vossa grei, sr. Dom António, podemos dizer, á maneira de São Paulo, "que vos não deixa descanso a caridade de Cristo", — esse zelo ardente da glória de Deus e da salvação das almas. Todos os lazeres da vossa profícua actividade no amanho da seara divina são dedicados, generosamente, ainda, na sustentação dos direitos da virtude e no cultivo dos dons da vossa paternidade espiritual.

A sabedoria que a Religião infunde não é a do século, que varia com as modas mais em voga. E' o conhecimento seguro dos mistérios do mundo interior, com os seus problemas insondáveis, únicamente soluveis á luz da claridade transmitida pelo Mestre dos mestres aos seus discípulos.

E' a ciência que regenera a consciência — ciência da pureza das almas e da rectidão do carácter.

As soluções temporais não interessam ás vossas ásperas jornadas pelos sertões agrestes, aos vossos intensos labores na metropole e nas cidades ... Reservais, como quer o Papa, as vossas preocupações, em primeiro lugar e antes de tudo, ás promessas de Deus, que não enganam ...

A vossa palavra repete o ensinamento antigo e sempre novo, mais que nunca actual, nesta hora de tentação e de sacrifício, palavra sempre necessária, como advertência á avidez de lucro das turbas: — "Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo mais vos será dado por acréscimo".

Não se trata de um mito, com que os maus atraem as multidões desorientadas, acenando-lhes com prazeres, fortuna e gozo terrenos. Trata-se, antes, do ideal de felicidade, contido nas bem-aventuranças, prégadas pelo Cristo na Montanha, e que, depois de dois milenios, não perderam a sua bendita eficácia e reverdecem nas almas, como rebentos vigorosos da Esperança.

"Os conselhos de Cristo — escreveu há pouco Sua Eminência o Cardeal Cerejeira — enamoram ainda e enamorarão sempre as almas mais puras e heróicas. Sem a realidade e o espírito das virtudes evangélicas da mortificação e da renúncia — o egoismo levantaria na terra, implacávelmente, o seu trono tiranico, e tudo sacrificaria a ele, — a terra tornar-se-ia um cárcere"!

Para eviar esse naufrágio da liberdade que a descristianização social acarretaria, espalha a Igreja, através da sua instituição hierárquica, diretrizes que visam a resturar todas as coisas em Cristo.

Mais dificil, muitas vezês, segundo acentuou com exatidão De Bonald,

não é fazer o bem, mas discernir o bem... Daí a importância, nesta época de tanta confusão e desnorteamento, do ministério confiado á plenitude do sacerdócio, para que o que é certo seja definido e profligado o que é mau.

Perguntaram a Chesterton, certa vez, que mandaria hoje Cristo, se voltasse ao mundo. Não hesitou o convicto neófito e conspícuo pensador em responder imediatamente: — "Mandaria o que manda a Igreja"!

E' este o papel dos continuadores da missão dos Apóstolos — espalhar por todo o Orbe aquilo que representa o pensamento e a vontade do Redentor. E' a missão divina de Jesus que vemos prolongada na solicitude desses portadores da Boa Nova, que não se cansam de realizar a sua fé na santidade da sua vocação inteiramente consagrada a Deus.

Nada pode haver mais dignificante e honroso do que colaborar na salvação da Humanidade. E' este o serviço prestado aos fiéis, durante cinco lustros, com ardor vigilante, intrépido e infatigável, por Dom António de Almeida Lustosa, que recebeu do Altíssimo a graça de desparzir, entre nós, os tesouros da munificência infinita. E' na ação luminosa e corajosa de apóstolos como ele, á altura das exigências hodiernas da Civilização, que está o segredo da renovação moral do Mundo.

Varremos dos caminhos os empecilhos, com chefes decididos e prudentes, que sabem aonde vão.

Seria grave a continuação da inércia que, por vezes, reinou em épocas passadas e que, no dizer exato de Papini, nos poria de costas para as forças vivas da História!

Agora, o panorama pode contemplar-se com optimismo. O futuro é dos que amam e não dos que odeiam. O futuro é dos que crêem e não dos céticos e vacilantes. O futuro é dos que esperam e actuam com firmeza, não dos tímidos e irresolutos.

São as expectativas de Pio XII, ao prever que uma forte corrente de ar puro percorrerá o mundo, dissipando a atmosfera de panico e de pessimismo, que ameaça contaminá-lo.

Privilegeados os cristãos que trabalham para tornar melhores os tempos! Tem sido este o empenho de quantos, como vós, sr. Dom António, tudo sacrificam para semear entre os homens a fraternidade e o amor.

A vossa última Carta Pastoral é uma tentativa eloquente para desfazer as incompatibilidades e ressentimentos reinantes entre as classes que cooperam na formação da riqueza. Chamastes a Igreja, com tanta propriedade, a grande protectora dos operários.

Sómente Ela, com efeito, no seu magistério autorizado, ensina o uso legítimo dos bens terrenos. Se as suas resoluções fossem aceitas — proclamou com toda a insuspeição Clemenceau — não existiria o conflito social.

Como traduzem a realidade deste problema as palavras por vós gra-

vadas, no pórtico daquele documento, que não se pode ler sem admirar e aplaudir! "Mas o que é profundamente lamentavel — não se conhece devidamente o que a Igreja ensina".

Destes uma comprovação abundante e esmagadora da tese com que glorificastes os monumentos pontifícios, fazendo ressaltar, de maneira convincente, a luz que projectam nas inteligências e o conforto que derramam nos corações.

"Os males que atormentam o mundo — na vossa observação tão lúcida — serão sempre sem remédio, se os homens não entenderem que é indispensável a volta á vida cristã".

Ricos e pobres necessitam ouvir este apelo ao bom senso, para que os deveres recíprocos preenchidos possam reajustar, na sociedade, o equilibrio da ordem e a segurança da paz.

Com que ternura falais aos proletários a linguagem da resignação e da confiança! Com que acento de gravidade lembrais aos capitalistas as obrigações inerentes á sua condição de fortuna!

"Os ricos — segundo o conceito de Pio XI, na Encíclica "Divini Redemptoris" — não devem pôr nas coisas terrenas a própria falicidade nem devem, para conseguí-las, empregar os seus melhores esforços, considerando-se, porém, simples administradores, que deverão, um dia, dar contas ao Senhor Supremo; delas se hão de servir como de meios valiosos, proporcionados por Deus, para que possam fazer o bem". Do contrário, acrescentais a advertência do texto de São Tiago: — "Acumulareis contra vós tesouros de ira para os últimos dias." Os bens temporais no ponderado conceito de Santo Thomás de Aquino, são esteios da nossa vida: — servem-nos de instrumentos para os actos de virtude.

Aos pobres dizeis, ainda na expressão do Papa da Fé Intrépida: — "Tenham em mente que jamais se conseguirá que desapareçam do mundo as misérias, as dores e tribulações, a que estão também sujeitos os que aparentemente, se apresentam como os mais afortunados. E' necessário, pois, para todos a paciência cristã, que dirige o coração para as promessas divinas da eterna felicidade".

E concluis a citação do grande Pontífice: — "Assim somente se cumprirá a consoladora promessa do Senhor — "Bem-aventurados os pobres". E estas não são consolações nem promessas vãs, como as promessas dos comunistas, são palavras de vida e de verdade profunda, que aqui se realizam plenamente e, depois, na Eternidade.

Com efeito, — quantos pobres encontram nestas palavras e na expectativa do Reino dos Céus, já proclamado propriedade deles — "porque vosso é o Reino dos Céus", encontram a felicidade que tantos ricos não possuem em seus tesouros, sempre inquietos e sequiosos de conseguir mais e mais riquezas"!

Pio XI, alfim, traça esta frase dramática em sua simplicidade, con-

forme bem o assinalais: — "A matéria inerte sai enobrecida da oficina, ao passo que os homens nela se corrompem e se degradam". Contra esse desastre, pugna, incessantemente, através dos séculos e de maneira a mais heróica, o Cristianismo!

A vossa devotada tarefa de esclarecer e guiar as conciências constitui, em 25 anos de romagem apostólica, a exaltação mais bela da Cruz peitoral, que é o vosso brasão de glória!

Colaborais, com o Pai Comum de todos os fiéis, na obra imperativa e urgente, generosa e edificante de afastar dos meios cristãos envenenados pelos preconceitos e sofismas liberalistas, aquela *religião de superfície,* aquele *catolicismo de exterioridades* de que fala com amargura Pio XII, como de ilusões perigosas.

Sois, dest'arte, um defensor da cultura autêntica, contra as forças intelectuais de destruição do patrimonio de honra e de civismo da família humana.

O "Instituto do Ceará" reconhece a eficácia e a excelência, a actualidade e a importancia da vossa missão benfazeja e patriótica.

Rende ao preclaro Príncipe da Igreja, na oportunidade feliz do jubileu da sua sagração, o preito do maior acatamento e faz votos a Deus pela prosperidade crescente do frutuoso apostolado, exercido pelo eminente consócio com tanto realce para as tradições de nobreza do Episcopado Nacional e com tanto fulgor para a vida espiritual da Terra da Luz!

## De D. ANTÔNIO DE ALMEIDA LUSTOSA

O Instituto do Ceará — inteligências iluminadas pelo saber: homens que voltaram suas energias para a exploração da verdade e assim fugiram á vulgaridade dos superficiais, condenando com o seu exemplo essa indolência que parece caracterizar a classe pseudo intelectual de nossa época, qeu pretende saber sem estudar, conseguir diplomas sem cursar as aulas, ou preparando-se de afogadilho em currículos supercialissimos — o Instituto do Ceará, preparando esta homenagem, sobre tudo me desvanece, porque ela focaliza o que em mim mais prezo, o *sacerdocio pleno* ou seja o episcopado.

Pode-se encerrar uma essência preciosa em um frasco de nenhum valor.

Por vêzes um límpido diamante se encontra entre a ganga grosseira.

As ostras ocupam lugar muito baixo na escala zoológica. São pobres moluscos acéfalos de vida muito modesta.

As ostras não têm quase nenhum valor; entretanto, as vêzes se encontra uma ostra preciosa porque encerra uma pérola pura, sem jaça.

Nós todos reconhecemos o alto valor da dignidade episcopal. A ostra que encerra essa pérola não tem de que se vangloriar. Ela em si nada é.

Eu reconheço — e assim todos os católicos — a grandeza do episcopado, como sacerdócio pleno que é. E folgo em ver como a fina flor da nossa cultura intelectual presta homenagem tão distinta a esse poder espiritual de criação divina — a dignidade episcopal.

Os gregos chamavam *episcopos* aos inspectores das suas provincias. Os latinos empregavam o mesmo termo para designar os superintendentes ou magistrados que inspeccionavam a conservação dos generos alimentícios.

Marco Túlio Cícero exerceu o cargo de *episcopus aroe Campaniae* — inspector da zona rural.

O termo foi adoptado pela Igreja.

Desde os primeiros séculos do Cristianismo se fazia distinção entre *episcopos* e *presbiteros*.

Santo Inácio, Bispo de Antioquia, que morreu logo no princípio do 2º século, pelo ano 107, viajando para Roma escreveu cartas ás Igrejas da Ásia Menor e exortou os presbíteros a serem submissos aos episcopos.

Etimologicamente *episcopus* é o que olha do alto: *epi-scopus* — um super-inspector. Mesmo antes do Cristianismo, como disse, em sentido porém menos restrito, já se encontrava esse termo *episcopus* na literatura profana. Homero, na Ilíada e na Odisseia, emprega o termo *episcopus*. Mas na literatura sacra é que mais se encontra a expressão, que vai adquirindo sentido sempre mais definido. Nas epístolas de S. Pedro e nas de S. Paulo aparece com frequência o *episcopus*. São Clemente, escritor dos primeiros tempos — como sabemos —, falando da instituição dos *episcopus*, reporta-se aos livros de Moisés, relembrando que Deus escolhera uma família para o serviço divino e ceremónias do culto. Alude á vara de Arão, que se recobriu de flores e frutos, no tabernáculo, ao passo que as varas das outras tribos, que alí se achavam, com ela, permaneceram estéreis: nem flores, nem frutos. Ficou assim prodigiosamente demonstrado que Deus escolhera a tribo de Arão para o culto e as tribos competidoras reconheceram o sinal da escolha do céu. E assim se evitou a desordem no seio de Israel.

A primeira diocese que se fundou, pode-se dizer, foi a de Jesusalém e seu primeiro bispo foi São Tiago — o apostólo; a segunda diocese foi a de Antioquia e São Pedro lhe deu como bispo o presbitero Evódio. Roma teve como bispo — S. Pedro. São Marcos fundou a Igreja de Alexandria. E foi empenho dos Apóstolos fundar dioceses pelas terras que iam evangelizando.

S. Paulo faz bispo da ilha de Creta e o encarrega de colocar padres em cada cidade, ficando todos êles sob sua jurisdição.

Desde esses tempos recuados o báculo aparece nas mãos episcopais como um símbolo de autoridade.

O báculo, também chamado outrora cajado, era primitivamente um verdadeiro bastão. A parte superior não era curva como hoje, á guisa de um

ponto de interrogação, mas um angulo reto imitando a letra grega *tau*. Semelhava também, por vêzes, uma cruz, que os fraceses lhe chamaram *croce* que é uma fórma divergente de *croix*. O báculo foi também denominado *férula*, de *ferio*, porque era o símbolo do poder de corrigir, ensinar.

Poder-se-ia crer que sendo o bispo um Pastor da grei de Cristo, o báculo representasse o cajado do pegureiro. Históricamente, porém, a origem do báculo não foi essa.

Há só um bispo que não usa báculo — é o bispo de Roma ou seja o Papa. A explicação que dá Inocêncio III dessa excepção é o facto histórico de S. Pedro — Bispo de Roma — ter enviado o seu báculo para o primeiro bispo de Tréves — chamada antigamente Augusta Trevirorum — hoje importante cidade da Prússia Renana.

Antigamente, por vezes, os bispos eram eleitos pelo povo. Depois de eleitos é que recebiam da Santa Sé a sagração e a jurisdição sobre tal ou tal diocese.

Com o correr dos anos, passaram a ser eleitos diretamente pelo Santo Pontífice.

É notável o que se deu com a eleição de Santo Ambrósio, Bispo de Milão, no 4º século. Ambrósio não era cristão. Seu pai, Prefeito dos Gauleses, o mandara educar com esmero. Ambrósio foi feito Cônsul do Imperador Deleritiniano e depois governador da alta Italia e de Milão.

E quando recebeu a investidura do alto posto, lhe foi dito: Ide e procedei não como juiz, mas como bispo.

É que as leis romanas eram demasiado rigorosas e era mistér governar com clemência. A cidade de Milão estava agitadíssima. As questões do arianismo haviam cindido a população em dois grandes partidos. Nesse ínterim morre o Bispo de Milão, de nome Auxêncio. Ambos os partidos pretenderam eleger o novo bispo. Os animos estavam exaltadissimos. Ambrósio, como primeiro magistrado da cidade, compareceu a fim de conciliar a ordem fortemente ameaçada.

Cada partido estava decidido a eleger seu candidato ao governo da diocese. Eis sinão quando, prodigiosamente, um menino ainda tenro começa a clamar: "Ambrosio nosso bispo". Era um prefeito ou governador civil e ainda pagão. Ambos os partidos se esquecem de suas animosidades e todos clamam: "Ambrósio é o nosso bispo". Ora, Ambrósio era dotado de belíssimas qualidades, mas era simples catecúmeno. Tudo fez por se esquivar, mas foi inútil. Quis então abandonar a cidade. Mas recebeu ordem formal do Imperador para não sair. Não houve remédio. Recebeu o baptismo e algum tempo depois a sagração episcopal.

Daí por diante, Ambrósio dedicou-se totalmente á Igreja. Fez grandes estudos. Tornou-se dos maiores escritores sagrados. Empreendeu inúmeras obras de caridade e veiu a ser uma das glórias mais puras da Igreja e

teve a consolação de cooperar na conversão de outro grande Herói da Fé — Agostinho, o célebre Santo Agostinho, bispo de Hipona.

Eis aí, prezados consócios, umas noções rápidas relativas á autoridade eclesiástica que quisestes homenagear, com requintes de gentileza, na minha humilde pessoa. E o meu agradecimento *ex imo corde* acompanha-se dos mais ardentes votos pela felicidade dos presados consócios e do nosso digno Presidente.

## Do Dr. DOLOR BARREIRA

Coube-me a mim a subida honra de introduzir-vos no Instituto do Ceará — glorioso fulcro da alta cultura cearense — eleito que fostes para a sua cadeira n. 24, recém-criada.

Muito dignamente penetrais-lhe os humbrais, integrando-vos no augusto pariato, pois que, em verdade, reunis os títulos que vos credenciam, inquestionávelmente, á insigne investidura.

Esses títulos, meus senhores, ressaem e ressaltam, indiscutíveis, na evolução da carreira do nosso recipiendário, através da qual se salientam, de modo destacado, o homem de letras, que ele sempre foi, no mais lídimo significado da expressão, e o magistrado, em cujas responsabilidades se investiu, de quando se formou, em 1911, obtendo as melhores notas da turma, até hoje.

As suas tendências literárias revelou-as, inconfundívelmente, nas sociedades de letras, de que fez parte, como o *Gremio Literário Rocha Lima,* onde lia, aos domingos, contos e discursos, e por meio das revistas do mesmo género como a *Boémia dos Novos, Bric-a-Brac* e *Jornal do Domingo,* ao corpo redatorial de todas as quais pertenceu e em que colaborou ao lado, entre outros, de Américo Facó e Meira Filho.

Colaborou, mais tarde, na *Panóplia,* que Raimundo Magalhães, no seu agudo senso crítico, reputava a melhor revista de letras do Ceará, redigida por Beni Carvalho, com a cooperação das mais amestradas penas da terra, no verso como na prosa: Irineu Filho, Alfredo Castro, António Furtado, Pedro de Queirós e Fernandes Távora.

Aí escreveu Boanerges Facó bem elaborado trabalho de crítica literária, que também e galhardamente cultivava, sôbre *Aves de Arribação,* romance regionalista e psicológico de António Sales, saído havia pouco dos prelos da *Editora Limitada, de Lisboa.*

Nesse ensaio o nosso novo sócio, dando-nos notícia da "evolução da crítica desde o seu balbuciar até a sua perfeita constituição cientifica", se mostra amplamente familiarizado com a crítica francesa e os seus grandes mestres — Hennequin, Cousin, Villemain, Sainte Beuve e Taine.

Foi, porém, sobretudo, na imprensa periódica, que frequentou, diuturna e ininterruptamene desde a sua mais remota mocidade, que aquelas tendências de modo notávelmente expressivo se manifestaram.

Pelas colunas dos nossos mais antigos como dos nossos mais novos jornais — *Unitário, Jornal do Ceará, A Tarde, O Nordeste* e *A Gazeta de Noticias,* o homem de letras deixou traços significativos e inequívocos.

Dos artigos, de cunho essencialmente literário, que por todos eles publicou destacam-se: *A execução de Ferrer, A República portuguêsa,* julgados pelo Barão de Studart os seus mais importantes trabalhos dessa época, e *Ao correr da pena; Contrastes e Semelhanças* e *O Conflito mundial,* em que traça longa apreciação em torno das nações *leaders* do mundo moderno contemporáneo.

Por sinal que Boanerges Facó com Joaquim Pimenta fundaram o *Demolidor* que, como o último deles adverte, reagia contra tudo que parecesse velharia ou preconceito, e que, de resto, não foi além de cinco ou seis edições, pois "se imprimia a custa dos seus fundadores, era gratuitamente distribuido sem uma linha de anúncio".

Não é de deslembrar que o nosso recipiendário desta tarde ainda conta na sua bagagem literária: *A casa de Juvenal Galeno* (conferência), que os seus *Anais* publicaram, e *Amores célebres,* publicado no *Almanaque do Ceará* para 1950.

Magistrado, o homem de letras ainda se revê nas suas decisões e sentenças, onde timbra, a par do conceito, na forma escorreita e na frase bem cuidada.

Dr. Boanerges Facó: Chamando-vos ao seu seio, fez bem o Instituto. Nas suas crescentes actividades a vossa cooperação pode ser fecunda. Quem não dirá, de mais a mais, que podereis auxiliar prestantemente o Ministro Ábner de Vasconcelos na confecção e preparo da *Historia Judiciária cearense,* de que o mesmo se encarregou, e que constitui uma das monografias integrantes da *Historia do Ceará,* cuja realização é o grande sonho da augusta instituição?!

*Ita speratur.*

Por isso, empossando-vos na cadeira 24 — a mais auspiciosa expressão das nossas boas vindas ...

# Do Dr. BOANERGES FACÓ

Um livre pensador, adepto do Materialismo histórico, escreve em um de seus livros:

"Como nós tivemos muitas vezes ocasião de o constatar no decurso deste volume, o que sobretudo contribuiu para diminuir no ser humano o

sentimento da individualidade, foram todas as entidades, saídas da sua imaginação. Todos os fenómenos cósmicos, atmosféricos e físicos, que o homem viu desenrolarem-se sob os seus olhos, sem poder explicar-lhes a razão, nem o mecanismo, deram-lhe a ilusão duma vontade oculta superior a sua. Submetido aos seus efeitos, tornaram-se para ele actos dum ser sobrenatural dotado de um grande poder, visto que a sua vontade se traduzia em actos duma grandeza aterradora por vezes". (*Jean Grave* "O Indivíduo e a Sociedade)"

A Bíblia — o livro dos livros, no primeiro capítulo do *Génesis,* pela palavra do autor do Pentateuco, descreve a obra de Deus em seis dias, desde a criação do Céu e Terra, no dia primeiro, até á do homem, á sua imagem e semelhança, no sexto, princípios orientadores dos homens através dos séculos. Mas, á criação divina opôs-se a natural, cuja "bíblia" é "A origem das espécies de *Darwin.*

Dois princípios antagónicos, seculares, travaram um combate contínuo e insolúvel entre o materialismo e o espiritualismo, admitindo uns a eternidade em Deus e outros na Matéria, sem princípio e nem fim.

Assim é que, "A República", de Platão, e "A Política", de Aristóteles, que são obras capitais do génio grego, constatam maravilhosamente esses princípios e ideias antagónicos. O *Divino* conduz ao pleno desenvolvimento individual sob o prisma da liberdade, enquanto *Ille philosoplus* proclama os princípios e ideias conservadores com a supremacia do Estado, *amicus Plato, sed magis amica veritas.* Abro a grande obra de Platão, percorro-lhe os capítulos e neles encontro a preconização da comunidade, das mulheres e das crianças, o império da razão, o amor livre, o estado de natureza, a limitação da natalidade, a repulsa ao capital e outros princípios e ideias de que se abeberaram muitos sábios e filósofos. Percorro as páginas de "A Política" e nelas encontro completa e esmagadora replica a obra de Platão: a naturalidade da escravidão, a classe dos ricos e dos pobres, a justificação do capitalismo, o pátrio poder e o poder marital, a propriedade individual, a coexistência das classes, o casamento e cuidado com os filhos, de que se abeberou o Santo de Aquino, conciliando os princípios da filosofia peripatética com os livros sagrados, de que resultou a "Escolástica", que, posteriormente, passou pelo cadinho do "Cartesianismo" e de seus discípulos, ora restabelecida, ou melhor, renovada no Neotomismo.

Em Dezembro de 1935, observando o catástrofe que se aproximava, escrevi num trabalho ainda inédito — *A Crise Mundial. O Brasil.* — estas palavras:

— Um vento de fornalha sopra violento, impetuoso e aterrador nos quadrantes da velha Europa envolta em quadros sombrios, mais sombrios que o *Inferno Dantesco* e visões tétricas, mais tétricas que as do Apoca-

lipse, as duas obras primas, máximas, da literatura satánica e simbólica, porque ninguém poderá ultrapassar as torturas da *Torre da Fome* ou suplantar o simbolismo do último livro da Bíblia. Ali a luta de Guelfos e Gibelinos, inspirando o maior poeta da Italia; aqui o duelo entre o Cordeiro e o Dragão, dando a visão imensa do profeta de Pathmos. Só o génio de Dante ou a pena de S. João poderiam descrever o momento da Europa dominada por ondas de ambição e crepitações de fogo. A Alemanha e a França, a Inglaterra e a Itália, os Estados Unidos e o Japão, sem esquecer o Lobo das Steppes, como tigres e leões famintos, sedentos de sangue, armados até os dentes, ameaçam ou mantêm a paz universal. Esse estado de cousas ha-de arrebentar, há-de dar uma conflagração mais encarniçada e terrível que a de 1914-1918 para bem talvez da Humanidade. A Rússia, empunhando a bandeira vermelha com o signal em negro — *Uni-vos, operariado do mundo inteiro* —, enquanto as demais nações na trincheira da Direita lhe guardam a distância, promete salvar os homens com a ideia comunista. Esta, parece, já avassalou e dominou os espíritos, como a racionalista avassalara e dominara no XVIII século, dando essa explosão imensa — a Revolução Francesa. Mas a violência soviética passará, *como a fascista, como a nazista,* deixando grandes males, mas também benefícios. São típicas essas três violências — a italiana, a alemã e a russa. O ditador italiano, como latino, mais sentimental, menos violento, sonhando-se novo César-Augusto, faz a seguinte proclamação aos "Camisas Pretas": Quero por vosso intermédio declarar a toda a nação italiana, que nenhum acontecimento poderá surpreender-nos sem preparo. *O futuro* (o grifo é meu) *pertencerá a nós.* Deveis guardar nos vossos corações essa certeza suprema e fazer dela uma arma para a vossa inflexível vontade". De outra feita declara que Roma (a dele, que Pio XI se contentou com a *Cidade do Vaticano*) mais uma vez governaria o mundo ... E as suas loucas e estultas pretenções estão se concretizando ... Eis o conflito ítalo-abexim. Dir-se-á que essa não passa de uma represália ao massacre de 10 mil italianos nas gargantas de Amba-Alagi e ao pagamento de 10 milhões de libras-ouro (aliás do próprio bolso do rei para se conciliar com a nação que ordenava a guerra) a Menelick por Humberto I para a liberdade de 5 mil italianos, prisioneiros de guerra do Negus, em Addis-Abeda. E' que a guerra do fim do século passado foi uma grande lição para a Itália; veio como um dique a expansão italiana na África, expansão sonhada por Humberto, que ouviu o canto de sereias de Francisco Crispi, seu primeiro ministro, assim modulado: "A França instalou-se em Tunis, sendo uma vergonha, um perigo para a Itália não possuir um império africano". E aquele rei e aquele ministro, pondo mãos á obra, construiram, ao Sul da Erythrea a fortaleza de Makalé — o pomo da discórdia na luta de 1896. Agora Mussolini quer

realizar o sonho de quarenta anos atrás! E' justa a reacção da Etiópia. E' belíssima a mensagem de Natal do rei dos reis, angustiado e revoltado, a *John Bull.* O ditador alemão, lídimo produto da raça, impando de orgulho a Bismark e desequilíbrio a Nietzsche, lança mão dos "Camisas Pardas" e faz ressuscitar festas pagãs, institui o nudismo, pratica o anti-semitismo a que não escapa o próprio Cristo para quem não pôde arranjar uma ascendência ariana, e repete para o mundo escandalizado: "Ó Alemanha, odeia! Degola os teus milhões de adversários e constroi um monumento de cadáveres, que se eleva ás nuvens. Ó Alemanha, odeia! Veste-te de bronze transpassa a baioneta o coração de cada inimigo; não faças prisioneiros! Trucida-os a todos. *Transforma* (o grifo é meu) *em deserto os países vizinhos!* Ó Alemanha, odeia! E' do ódio que te virá a salvação. Esmigalha-lhes o crânio a coronhadas e machadadas. Esses sicários são bestas-feras, não são homens; que o teu braço execute a sentença de Deus! Ó Alemanha, chegou o momento de odiar. Fica firme. Batalhões, baterias, esquadras, avante! Depois tu te erguerás sobre as ruínas do mundo, cura-te para sempre de tua antiga loucura, do teu amor pelo estrangeiro" (Cf. Batista Pereira, "O Brasil e o anti-semitismo", págs. 177-178). O Fuehrer pior que o Duce. O ditador da Rússia, reunindo mais violências que todos os Ivans, que todos os Romanoffs, implanta, em nome da humanidade, do progresso, da paz, no vastíssimo território eurasiatico a ditadura proletária, a mais violenta e bárbara de quantas hão existido, sonhando com o domínio do mundo inteiro; idealiza envolvê-lo todo nos fortíssimos e inúmeros tentáculos do Maximalismo, que vai empolgando o operariado do mundo a entoar *uma voce,* a Internacional. As classes operárias estão se embalando nesse sonho, que a Rússia vermelha pelo seu papa, vai aos poucos repudiando. Assim falou Staline: "E' necessário regular o salário de acordo com o trabalho individual. Urge que o operário obtenha o maior salario á custa do próprio esforço e *segundo os méritos de cada um* (ainda é meu o grifo), acrescentado as palavras ouvidas pelo primeiro rei dos francos: *"Adore ce que tu as brulé, Brule ce que tu as adoré".* A intolerância na Rússia chega a ponto de dar normas limites, restrições á literatura, que deve ser como ancila da Ditadura! Ó *Camisas Vermelhas,* piores que os "Camisas pardas". Onde o princípio — a *cada um segundo as suas necessidades* — do comunismo anárquico? O próprio Ditador substituiu-o pelo *a cada um segundo as suas obras,* mas o operario, tomando por norma a Rússia, continua a sonhar com a igualdade económica!..."

E terminei com o seguinte trecho:

"As duas grandes civilizações — judaica e grega — deram-nos a fórmula necessária, compatível com o espírito crente e liberal do povo brasileiro. Um Deus de amor e bondade inspirando a vida moral-religiosa e um regimen de liberdade estabelecendo a ordem civil e política da

Nação. A Rússia não nos serve de modelo. Lenine — o chefe invisível do império soviético, estudando os seus companheiros de luta, declarou que dentre cem encontrara 33 hipócritas, 33 desonestos, 33 patifes e um homem de bem. Também não serve a filosofia, que balbuciou com o renascimento, que se sistematizou com Descartes e delirou com Nietzche. Não safisfaz o espírito humano e nem lhe resolve os grandes problemas espirituais e materiais. Só um grande princípio moral-religioso, como o disse Farias Brito, poderá dar uma ideia poderosa e fecunda em resultados benéficos. Harmonizem-se, cada uma em sua esfera de acção, Religião, Razão e Ciência, que encontrar-se-á solução para todos os problemas vitais do Brasil — educação e instrução, saneamento e embelezamento rurais, prosperidades económica e financeira, instrução cívica e religiosa, de modo que ele se torne um pedaço bendito da terra — uma Chanaan — a realizar um grande destino humano ... E' preciso que o Brasil prossiga, que o Brasil avance, que o Brasil vença as dificuldades, tornando-se de mais a mais inimigo do absolutismo, da guerra de conquista, da ditadura vermelha ou branca, para que contraponha a esses males — um regimen de paz e de amor, de justiça social e espiritualidade evangelica no culto de Deus, da Patria e da Família. A demolição humanista de Montaigne, á racionalista de Voltaire, á céptica de Anatole, á materialista de Gide e Shaw contraponha-se a reconstrução jansenista de Pascal, a papista de Maistre, a apologética de Chateaubriand, a espiritualista de Barrés e Chesterton. E a espiritualidade moderna, rejeitando o exclusivismo do comunismo e do capitalismo no campo da economia, do ateismo e do fanatismo no da Religião, do totalitarismo e do anarquismo no da Política, escolha o meio termo em que se conciliem o Sobrenatural e o Natural ligados pela inteligência do homem na eterna áncia da verdade, da justiça e da Felicidade, dentro da "Ordem e do Progresso"...

Sempre a controvérsia, sempre o antagonismo de princípios e ideias na interpretação da "Natura" pelo espírito humano.

Assim é que á ideia de Condorcet do "progresso" ascendente, eterno, em linha recta, se opõe claramente a de "decadência" de Spengler.

Ao progresso rectilínio do escritor francês se contrapõe o progresso "em espiral" do sábio e genial Goethe.

Por isso é que Benedito Croce escreve:

"Ora, que o mundo mude, que se formem novos costumes, novas leis, novas instituições, novos pensamentos e novas fantasias é coisa tão óbvia e sempre tão presente a todos, que não vale a pena nem mencioná-la". (Orientação, Athena Editora, pag. 81).

— E acrescenta o mesmo autor: " ... ter-se-ia podido dizer que a Poesia não voltaria ao mundo, porque era apenas uma época da vida helénica.

Mas a poesia floresceu nos séculos seguintes na Itália, na Espanha, na

França, na Inglaterra, na Alemanha, e Homero teve como companheiros Dante e Shakspeare ..." (op. cit. pág. 91).

A ciência nunca teve tantos "dogmas" como nos XVIII e XIX séculos que sucederam a Renascença, como esta fora uma consequência da Idade-Média.

"A civilização é sempre velha do que imaginamos; e qualquer torrão que pisemos esconde ossos de homens e mulheres que como nós trabalhavam e amavam, escreveram versos e fizeram cousas belas, mas cujos nomes e personalidades se perderam no indiferente fluxo do tempo". (Will Durant, "Historia da Civilização", 2ª parte, 1° tomo, pag. 35).

Demócrito (460-360 A.C.) proclamou: "Nada existe, na realidade, a não ser átomo e espaço".

Mas o enunciado do materialista grego nunca convenceu a todos os espíritos.

Baptista Pereira, em "O Brasil e o anti-Semitismo" escreveu: "Einstein o Newton moderno, o génio revisor de toda a mecánica do cosmo ..."

Sim, com o génio alemão, até a noção de "tempo" e "espaço" que, como já disse alguém, foram sempre as muletas de qualquer construção filosófica, mudou de significação. A luz, que se projectava em linha recta na teoria de Newton, tomou o sentido da linha curva num cosmo infinito mas limitado, em contraposição ao do sábio inglês no sentido do infinito e do ilimitado.

E assim o campo da ciência se alarga dia a dia. Assim é que Friedrich Von Weizaoker proclama:

"A única aplicação que a ciência tem feito da representação de infinito, consiste no conceito dum infinito potencial do mundo, conhecido. De facto, podemos alargar indefinidamente os limites do mundo conhecido sem recearmos que a esse alargamento alguma vez se oponha outra balisa que não seja a dum súbito desfalecimento das nossas forças. Este alargamento de tais confins começou a produzir-se quando se pensou que eram os limites do nosso conhecimento que marcavam os limites do mundo. Copernico, que ainda, acreditava no mundo finito circunscrito pela esfera das estrelas fixas, já teve de admitir que o diámetro desta esfera era mil vezes maior do que supusera Ptolomeu. Por certo, já neste último se encontra a afirmação de que a terra, em comparação com a esfera das estrelas fixas, não passa dum minúsculo ponto. Se não fosse assim, a mesma estrela deveria tomar aparentemente, para nós, diferentes direções, quando vista de diferentes lugares muito distantes uns dos outros; isto é, deveria mostrar-nos uma paralaxe". (Para uma concepção física do Universo". Trad. de Cabral de Moncada, pag. 202).

Examinados esses princípios e ideias de ordem geral, qual o fim colimado pelos institutos históricos e geográficos?

*
* *

A Historia e a Geografia sempre estiveram ligadas, completando-se mutuamente, numa correlação íntima e indispensável, como que ancilas uma da outra.

Juan Brunhes Camilo Vallaux, em sua obra "Geografia de la Historia" estabelecendo a correlação entre as duas "Ciências" e o "Homem" como agente geográfico, escreve:

"La Historia nos cuenta una vida de la Humanidade cada vez más coordinada, subordinada y colectiva, y la geografia se encarga de ilustramos esta demonstración". (Pag. 6).

Por isso é que Napoleão, génio da guerra e também das letras, tanto que discutia com Pothier e outros sábios da Jurisprudência, disse: "A política dos Estados está em sua geografia".

H. Taine, em sua "Philosophie de l'art", disse que a Grécia devia a sua civilização nunca suficientemente gabada á sua maravilhosa topografia, á sua privilegida posição geográfica, harmonizando um povo eminentemente culto e artístico com um clima que "não acabrunhava nem enervava por excessivo calor, nem engorgitava ou imobilizava por frio rigoroso.

Will Durant, em sua "Historia da Filosofia", diz por outras palavras, o que dissera Taine, quando descreve o "ambiente" da Grécia como que uma espécie de introdução ao estudo da filosofia helénica.

Ernst Beruheim, examinando as relações da Historia com as demais ciências, escreve:

"La geografia es la ciencia que siempre se considero como especialmente auxiliar de la historia, ja sólo com tal nombre, já com el de politica o historica, tratando de las diversas relaciones em el espacio entre los diversos Estados" ("Introdución Al Estudio de La Historia", pág. 76).

*
* *

Que significou a criação do *Instituto* para a ciência e letras do vosso querido Ceará?

A Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção do ano da graça de 1887 ... a pequena, bucólica e pacata cidade, bem diferente da moderna e crescida capital de nossos dias, não querendo ficar na retaguarda da civilização e do progresso em qualquer sector da actividade humana, fundou o *Instituto do Ceará.*

Ela fizera o movimento filosófico e maçónico da década de 70 com Rocha Lima e Capistrano de Abreu, Pompeu Filho e Felino Barroso, Lopes Filho e Araripe Júnior e outros moços de talento, inteirados do transformismo de Darwin, do monismo de Haekel, do positivismo

de Comte e do evolucionismo de Spencer. Os princípios cristãos e o humanismo filosófico do XVIII século levaram-no ao abolicionismo — a página, talvez, mais brilhante de sua historia três e meia vezes secular com João Cordeiro e Dragão do Mar, Antonio Bezerra e Justiniano de Serpa, Antonio Martins e Frederico Borges e outros homens de cultura e coração.

Impunha-se-lhe, porém, uma sociedade cultural em que se fizessem estudos históricos e geográficos do nosso heroico Estado, que é, de certo, a mais brasileira de todas as terras do Brasil, de vez que o Nordeste é indubitavelmente o mais genuino trecho nativista do território nacional, de que o Ceará é o coração, pois nele predominam descendentes de Fernandes Vieira, Camarão e Henrique Dias.

Fundou-se o *Instituto do Ceará* que, deixando de lado as disputas politicas e religiosas, procurou reunir em seu seio os homens de talento e cultura, residentes em sua Capital, especializados em assuntos historicos e geográficos de que são expoente Guilherme Studart e Tomás Pompeu Sobrinho. E' certo que, ás vezes, admite em seu grémio a quem o talento e a cultura não bafejaram com as suas auras, como o caso do recipiendario do momento que passa. E' que em todo quadro deve haver luz e sombra, para que a obra do pintor seja perfeita.

A 4 de Março de 1887, reuniram-se num dos salões do prédio em que funcionava a Biblioteca Pública do Ceará, os sócios fundadores do *Instituto,* cuja acta de instalação está lavrada nos termos infra:

"Aos quatro dias do mês de Março de mil oitocentos e oitenta e sete, em um dos Salões da Biblioteca Pública desta capital, presentes o Dr. Paulino Nogueira, Joaquim Catunda, João Perdigão, Dr. Guilherme Studart, Júlio César, Dr. Pedro Frota, Dr. Antonio Augusto, Antonio Bezerra, resolveram fundar uma sociedade sob o título — INSTITUTO DO CEARÁ — com o fim de fazer conhecida a história e a geografia da Província e de concorrer para a propagação das letras e ciências na Província. Declarando nesta ocasião alguns dos sócios que aderiam ao pensamento da sociedade e queriam tomar parte nela, o Dr. Sombra, Dr. Virgílio de Morais e Juvenal Galeno, foram estes considerados como sócios efectivos. — Em seguida, foram aclamados e unanimemente aceitos: Presidente, Dr. Paulino Nogueira, Vice-Presidente, Dr. Frota, 1° Secretário J. Catunda, 2° Secretário João Perdigão, tesoureiro Dr. Sombra, orador Júlio César Filho. O presidente encarregou de organizar os Estatutos a uma comissão composta dos sócios: J. Catunda, Dr. Virgílio e Júlio Cesar Filho. E nada mais havendo a tratar, designou o presidente a próxima quinta-feira para a segunda reunião e levantou a sessão".

Dessa leitura se constatam os nomes de Guilherme Studart, o beneditino da história do Ceará, o redivivo da cronologia cearense que bem

mereceu o título de "grande benemérito", pois o *Instituto do Ceará* é bem a casa de Barão de Studart; Paulino Nogueira, figura emiente de juiz e historiógrafo que tinha, talvez, maior que o talento apenas o coração; Joaquim Catunda, homem de culura moça, conhecedor de literatura clássica, de que é magnífica prova a sua obra "Estudos de História do Ceará", obra reeditada por seu neto afim Gilberto Câmara; António Bezerra, essa alma de espartano que se desdobrou em vários sectores da actividade humana, sendo tão grande nas suas investigações histórico-geográficas como na sua obra de abolicionista intemerato e brilhante; Antonio Augusto, o notável tribuno e mestre, alma por excelência da Academia de Direito do Ceará, a quem a classe académica estimava pelo brilho de seu espírito e bondade de coração; Virgílio de Morais, o notável advogado da antiga Fortaleza e mestre de Direito, em cuja cátedra ninguém excedia na profundeza da matéria e pontualidade do horário; Padre Frota, notável poliglota e matemático que se impunha pelo talento e variada cultura humanísa; Júlio César, antigo Secretário da Municipalidade de Fortaleza, que se impôs no seio de nossa capital, pela sua variada cultura e ardor republicano; Juvenal Galeno, o glorioso autor de "Lendas e Canções Populares", a obra mais notável de nosso Béranger, que é bem a bíblia de nossa poesia popular; João Perdigão, figura modesta de burocrata, mas grande investigador de nossas cousas que o tornavam um dos maiores de nossos historiógrafos; José Sombra, distinto homem de letras, cuja cultura e saber o *Instituto* soube aproveitar, embora numa existência rápida de rosas de Malherbe; Virgílio Brígido, jornalista, parlamentar e homem de letras desde os bancos académicos, quando publicou "Cantos do amanhecer", então colega de ano de Pedro de Queirós, Gil Amora e Antonio Augusto, todos notáveis cearenses da turma de bacharéis de 1880 da Academia de Direito de Recife; Rodolfo Teófilo, o grande filantropo que extinguiu o mal de Jenner contra os desígnios do Poder Público, e fecundo escritor e romancista, cujas obras, embora escritas sem a pureza de linguagem de um Gustavo Flaubert mas, com espírito de observação de um Émilio Zola, pertencem ao património intelectual do Ceará.

Com tais elementos essa instituição cultural teria de prosperar e viver secularmente. Sim, secularmente, porque está atravessando o terceiro quarto de século de sua utilíssima existência. Quem quiser aquilatar dos grandes méritos do *Instituto*, leia "Meio Século de Existência", de Eusébio de Sousa, e a sua Revista anual.

Em regra, pelo *Instituto* têm passado quase todos os talentos nas letras e ciências do Ceará. Assim é que por ali passaram Mons. Bruno Figueiredo, humanista e distinto latinista; Soriano de Albuquerque, filho de Pernambuco mas integrado na vida de família e de cultura do Ceará, tornando-se, talvez o seu maior sociólogo; Waldemar Falcão que se tornou um nome nacional, projectando-se além fronteiras do

Brasil; os meus queridos amigos Leonardo Mota, o nosso maior folclorista, Eusébio de Sousa, historiógrafo, cintilante cronista e distinto cearense pelos laços de família e organização cultural, embora, também, como Soriano de Albuquerque, filho de Pernambuco, e Hugo Vítor, notável jornalista e fecundo escritor com muitas e valiosas obras, em que se perpetua o nome do Ceará e de seus filhos. Era do Piauí, mas se tornou cearense pelos laços de família e cultura literária; e muitos outros que seria enfadonho enumerar. Esses sócios efectivos, e os honorários e correspondentes?

Teve Afonso Celso, Ramiz Galvão, Rodrigo Octávio, Epitácio Pessoa, Clóvis Bevilaqua, Afrânio Peixoto e outros, e tem Gustavo Barroso, Roquete Pinto, Amoroso Lima, Florêncio de Abreu, Pedro Calmon, Câmara Cascudo e muito outros nomes ilustres.

Sofreu o Instituto um colapso, ou melhor, uma pequena solução de continuidade, mas se reorganizou no ano de 1929, rendendo-se então uma justa homenagem a João Baptista Perdigão de Oliveira, sócio fundador e a Tomás Pompeu de Sousa Brasil — a maior cultura humanista do Ceará, talvez, em todos os tempos.

Em artigo na "Gazeta de Notícias" de Fortaleza, de 8-1-39, sob o título "Gente Moça do Ceará", escrevia eu:

— Abro a década de "90" com o nosso maior folclorista Leonardo Mota, a quem já chamei o nosso Mistral: nas décadas seguintes, surgem Clóvis Monteiro, filólogo vitorioso em concurso memorável no "Pedro II", de que é actual director; Herman Lima, novelista triunfante nos concursos literários da ACADEMIA BRASILEIRA; Djacir Meneses, tão minguado em anos quão consagrado em muitas obras de valor; Padre Hélder Câmara, que o integralismo, em boa hora, integrou no meio edulacional do Rio, para só citar algumas culturas moças culminantes do Ceará. A geração novíssima do Ceará apresenta-se promissora e risonha com as fagueiras esperanças de Sinobilino Pinheiro, Moacir Aguiar, Iaco Fernandes e outras inteligências moças que prometem ou prometiam colheita magnífica no campo das ideias.

São presentemente sócios efectivos do *Instituto* Pompeu Sobrinho, Martinz de Aguiar, Alba Valdez, Ribeiro Ramos, Clodoaldo Pinto, Raimundo Girão, Dolor Barreira, Fran Martins e outros nomes ilustes que honram o Ceará e suas letras.

Várias outras agremiações litero-científicas do Ceará não resistiram á acção do tempo. Assim é que a Padaria Espiritual, a mais notável so-

ciedade literaria do Ceará, e a Academia Cearense, compostas de espíritos brilhantes e cultos, e muitas outras tiveram vida relativamente efémera, não obstante pertencer a seus grêmios Frota Pessoa e Antonio Sales, Farias Brito e Pedro de Queiroz, Valdivino Nogueira e Valdemiro Cavalcante, Justiniano de Serpa e Martinho Rodrigues, Papi Junior e Rodolfo Teófilo, Álvaro Martins e Adolfo Caminha e muitos outros.

Uma recordação honrosa e inesquecível do dono desta Casa, o sempre lembrado Barão de Studart. Em dias do primeiro semestre de 1915, enviara eu algumas produções de minha autoria e publicadas na imprensa citadina ao Barão de Studart, e alguns dias depois recebi uma carta autógrafa de Guilherme Studart nestes termos:

"Ilmo. Sr. *Boanerges Facó*. Em Fortaleza. Tive o prazer de ler vários artigos de sua lavra, que o correio deixou-me ficar em casa ontem pela tarde. Agradeço cordialmente a lembrança e rogo a continuação desse seu favor. Apraz-me na aridez dos meus estudos predilectos descançar o espírito com a leitura dos conceitos e ideias que o amor da verdade e o patriotismo inspiram á sua alma de moço inteligente e estudioso. Como vai entrar em composição o 3° vol. do meu Dicionário Bio-Bibliográfico, peço o favor de enviar-me alguns dados, que lhe digam respeito, estendendo-se, o possível sobre os ascendentes. A remessa será bem aceita pelo am° att° (ass) *Barão de Studart*".

Senhores do *Instituto do Ceará*: Cabe-me agradecer-vos a honra de minha eleição para o vosso grémio, com a circunstancia para mim sobremodo lisongeira de ter sido saudado pelo vosso consócio Dolor Barreira, espírito brilhante e culto, erudito professor de Direito com foros de civilista, já consagrado autor da *História da Literatura Cearense*, como notável cultura clássica, sem lhe faltarem os dons oratórios, tanto que, ao tempo da campanha política de que resultou a queda de um governo de 20 anos, Franco Rabelo, o candidato vitorioso, o qualificava de Mirabeau.

*Senhores do Instituto*: A demora de minha posse significa apenas que sérios afazeres de ordem funcional não me permitiram que eu tivesse a grata satisfação de tomar assento imediato na cadeira n. 24, recém-criada, e ainda laços de afectividade que me induziram a esperar pela presença de meu irmão mais velho, Dr. José Baltazar Ferreira Facó, na minha posse de sócio efectivo do *Instituto* e na entrega da Biblioteca de meu saudoso irmão Eurico Facó ao *Instituto do Ceará*.

# Do Dr. FRANCISCO ALVES DE ANDRADE

Snr. Presidente,

Snrs. Membros do Instituto do Ceará:

Tratando do sentido da interconexão das coisas, como essencial característica dos que se dedicam á ciência, Arthur Thomson chama-nos a atenção para a mais bela e significativa expressão legada por Carlos Darwin á literatura cienfítica, que é a imagem da "Teia da Vida".

Todos os seres vivos, assim como os organismos, estremecem no mundo interconexos, vibrando numa sequência de causalidade, por força dos vínculos da natureza.

As mais complexas relações mantêm entre sí os animais e as plantas que, aos seus influxos, evoluem na luta pela existência.

O homem e a terra; as flores, o vento e os insetos; os pássaros, as sementes e as florestas traduzem os mais variados acidentes de interações biológicas.

Uma circulação imanente de matéria e energia passa por todos os seres; tudo flui, e a realidade está sujeita a um vir a ser contínuo ... "Nenhuma ave pousa no solo sem que envie palpitações de vida em torno de si".

Esta imagem colhí-a num instante emotivo e precisamente ao saber que, ao entrar aqui, haveria de ouvir a vossa saudação eloquente e erudita, meu nobre amigo, Professor Renato Braga.

Lá pelos dias de 1934 entrava eu para a Escola de Agronomia do Ceará, em busca de ensinamentos que me firmassem no espirito as armas culturais para o combate da produção rural. Ali vos encontrei como Secretário do estabelecimento, impulsionando a sua vida. E, ao lado de outros mestres dedicados, cheios daquele ardor entusiasta com que avançam na história os desbravadores de novos caminhos, ví a vossa consciência, regando com o suor da alma as primeiras sementes com que, no Nordeste seco, se preparava o condão científico que trará solução aos problemas da terra.

Fundada a 30 de Março de 1918, foi a nossa Escola inicialmente um estabelecimento particular de ensino superior de agricultura, até 7 de Março de 1935, quando o mesmo funcionava nesta Capital, á rua 24 de Maio, em pleno coração da cidade.

Foi um belo movimento cívico de professores e alunos aquele que conseguiu do Cel. Filipe Moreira Lima, então Interventor do Ceará, a

encampação da Escola de Agronomia, passando a mesma a funcionar em local mais apropriado e a pertencer ao Estado.

Daí por diante, assumistes, Professor Renato Braga, a Diretoria da Escola e atraistes a atenção do Governo para ampliar e melhorar os seus departamentos.. Laboratórios, instalações, máquinas, campos foram preparados, organizados, erguendo-se o estabelecimento em bases sólidas, de modo a preencher os requisitos indispensáveis ao seu reconhecimento por parte do Governo Federal. Não esquecestes jamais em todo o currículo de vossa vida pública aquele centro de actividades culturais que já diplomou mais de 300 agrônomos, tem firmado uma tradição honrosa e é o testemunho do vosso idealismo a concorrer para dar seguros esteios ao ensino agrícola no Ceará. Direi porém, que a vossa alma de professor, administrador, de político e escritor voltado para os problemas geo-econômicos do Nordeste, bebeu os mais sadios impulsos na vida de nossa Escola...

Diz-se de Clerk Maxwel, o cientista que, segundo o já citado escritor, enriqueceu a herança legada por Newton e consolidou a obra edificada por Faraday, que a recordação mais antiga que tinha era a de jazer na relva diante da casa do pai, a olhar para o sol e a admirar-se.

Que seja também a nossa mais viva lembrança ante os estudos dêste glorioso Instituto, a nossa Escola de Agronomia, assim como foi para Clerk Maxwel a casa de seu pai ...

Não a vaidade, mas um profundo sentimento de amor á terra, o qual me leva ao estudo dos seus interesses e possibilidades, aquêle mesmo sentimento que me conduziu um dia á Escola de Agronomia, onde vos encontrei, Sr. Professor Renato Braga, e de vós recebí as mais expressivas lições, foi o móvel que me trouxe este sodalício.

Atraído pela curiosidade inquieta das coisas, que no dizer de Pascal é a doença principal do homem, sinto-me em vossa casa, Senhores do Instituto, como enleiado na trama da vida ...

x x x

Um labor perene e continuado, fruto do vosso amor intelectual, culminando na pesquisa de assuntos regionais, hoje mais do que nunca necessária á cultura nacional, convida-me a contribuir com a minha parcela de esforço, embora sem arte e sem brilho.

Digamos, porém que os projetos deste Instituto, colimando sérios estudos de História, Antropologia, Geografia, propósitos de vera ciência, não pedem asas aos vates ou literatos, amantes da beleza dos símbolos e da fantasia ... Antes requerem obreiros para indagações as mais variadas, cujo êxito depende quase sempre da perseverança na pesquisa lançada ao vasto mundo especialmente da vida regional, cujos quadros, palpitantes aos nosos olhos são descurados ou esquecidos.

Senhores:

A vossa colmeia laboriosa, agitando-se no silêncio, tem revolvido o passado, perquirido o presente, e adejando aqui, ali e além, legou-nos uma farta colheita de pólen que nutrirá as gerações vindouras.

Vem de longe o exemplo.

Aquele a quem tenho a honra de suceder nesta casa, ocupando a cadeira que tem o seu nome, foi em nossa terra um exemplo de grande operário na messe do espírito.

*Um fiel investigador da história administrativa do Ceará. JOÃO BAPTISTA PERDIGÃO DE OLIVEIRA,* um dos fundadores do Instituto, seu 2° e 1° Secretário, pertenceu á falange dos laboriosos investigadores de nossa história.

Era um espírito forjado na velha escola estoica do carácter, moldado a cinzel pelo tradicionalismo das férreas convicções dos seus antepassados.

Ingressou na burocracia estadual e nela viveu uma existência de sacrifícios, ocupando desde as mais simples até as mais altas posições sem modificar a sua conduta, sempre escrupuloso, exato no cumprimento do dever.

Como funcionário da Secretaria da Justiça, repartição que mantinha importantes arquivos, cedo se afez, por um pendor natural, ao paciente labor da investigação, tornando-se infatigável descobridor de documentos antigos.

Foi entre nós um dos apaixonados cultores da crônica cearense da administração pública.

A paixão pela pesquisa dos fatos ou acontecimentos, nele se exerceu com todo aquêle interêsse pela verdade, com todo aquêle escrupulo, que é uma singular caracteristica do clássico devotamento á missão da História.

Foge o passado como uma lenda, distancia-se de nossa memória como fôlhas caídas na terrente da vida.

Ai da verdade, se á margem dos acontecimentos não se movimentar o observador, para colher e guardar os fragmentos dispersos.

Perdigão de Oliveira, com ingênita virtude e engenho esclarecedor da história de sua terra, embrenha-se nos velhos alfarrábios, coleciona documentos e jornais antigos, revolve bibliotecas á cata de dados e elementos preciosos.

A sua operosidade culmina no estudo da célebre questão do Ceará com o Rio Grande do Norte. E' quando organiza um trabalho que esgotou o assunto. Remontando ás origens, versa com erudição e clareza toda a debatida dificuldade, num volume de trezentas páginas, á luz de farta documentação e argumentos.

Em seu meticuloso estudo demonstrou que o Ceará tem tudo garan-

tindo o seu bom direito, desde, o *uti possidetis*, a lei escrita e, os acidentes geográficos de maior valia, a história e até mesmo o reconhecimento do Rio Grande do Norte.

A jurisdição administrativa e eclesiástica do Ceará foi por longos anos respeitada pelo Estado vizinho.

A antiga capitania cearense estendia-se pela praia a Leste muito além do rio Mossoró, tornando-se, a partir do século XVII, este rio a divisória das duas capitanias, exercendo o Ceará até alí a sua jurisdição, ininterruptamente, por seus capitães-mores e até mesmo pela efêmera República do Equador.

Sómente quando na zona á margem esquerda do rio se fundaram as salinas, os agentes fiscais do Rio Grande invadiram as salinas cearenses, exigindo elevados tributos.

Assim eclodiu o conflito de jurisdição.

A 14 de Setembro de 1894 requer o Ceará ao Supremo Tribunal Federal o reconhecimento dos seus direitos sobre o território em questão.

Iniciado o processo, foi logo suspenso, por terem acordado os litigantes em sujeitar o pleito ao juízo arbitral.

O julgamento deste, relatado pelo eminente jurisconsulto, Conselheiro Lafaiete Rodrigues Pereira, árbitro desempatador, foi favorável ao Ceará. Mas, a parte vencida, insurgindo-se contra o próprio compromisso assumido, furtou-se á execução da sentença.

Nenhum protesto, nenhuma voz no Congresso Federal ou na Assembleia Estadual se fez ouvir para denunciar a acção clandestina, forjada nos bastidores, contra as reivindicações cearenses.

A famosa questão dos Grossos, em cuja discussão deixaram vestígio de sua passagem as mais brilhantes sumidades do País, militantes na história, na geografia e no direito, sofreu os influxos e refluxos das contingências humanas.

A decisão final foi irremediavelmente perdida para o Ceará, contra a tese do direito escrito, contra a fé dos documentos históricos, patenteando-se inexpressiva a representação dos nossos políticos na Metrópole.

Aceitámos o golpe como uma fatalidade das condições sociais.

As nossas fronteiras territoriais, assim como interesses de ordem econômica, jamais tiveram defesa autêntica ...

E o avanço continua ...

Os trabalhos de Perdigão de Oliveira, refertos de minúcias, com precisão, constituem um acervo substancioso para o investigador que pretenda escrever a história cearense com outras tintas e com uma roupagem heroína cearense", e muitos outros.

Extensa é a sua resenha bibliográfica na Revista do Instituto, destacando-se os trabalhos: "Os Secretários de Borges da Fonseca", "A Imprensa no Ceasá", "A Vila de Quixeramobim", "Catálogo dos Jornais e

Revistas e Outras Publicações Periódicas no Ceará", "Ana Triste, uma heroína cearenst", e muitos outros.

A cronologia está exata. Os fatos verídicos. O historiador, como o sociólogo, poderão aceitá-los sem receios.

E é tudo para o seu tempo.

Não nos aventuremos a censurar nos seus escritos a carência de uma interpretação racional e moderna dos factos sociais.

*Nada tão difícil,* diz um moderno historiador na Sorbone, *nada tão aifícil, como subtrair-se de seu tempo e reencontrar as prespectivas de uma época já encerrada".*

*"E' que somos tentados, por uma deformação inconciente do espírito, a aplicar a uma determinada época os quadros e princípios da era em que vivemos".*

Quando se escrever a história cearense da administração pública, alguem irá colher nas crónicos e escritos do nosso biografado os frutos do seu tempo.

E' interessante exibir aqui um instantáneo de sua psicologia.

Alheio a toda bulha, modesto, mas consciente do seu mérito, não dispensava, porém o revide oportuno ás humilhações recebidas.

Católico de convicção, perdoava ao adversário, mas guardava, da ofensa recebida, a ponta farpada.

Narrou-me um seu neto, o engenheiro Heitor Albuquerque, que indo um dia o Dr. José Jucá á Secretaria da Justiça, recebeu-o cortezmente Perdigão, que era naquele tempo Diretor Geral.

E como perguntasse o visitante pelo Secretário da Pasta, respondeu-lhe o funcionário que o mesmo se achava ausente, indagando, então, sôbre que pretendia.

— Procuro o Secretário, e não me entendo com funcionário subalterno.

Passa-se o tempo e, por um desígnio da sorte, José Jucá assume um dia o cargo de Diretor Geral daquela repartição, cargo outrora exercido por Perdigão de Oliveira.

Qual a surpresa do novo Diretor ao assumir o exercício e folhear o velho regulamento da Diretoria!

Lá na página onde se achavam discriminadas as atribuições do Diretor Geral, entre estas, a de substituir o Secretário na ausência dêste, deixara Perdigão, feita á tinta e com a própria letra, a sua anotação pessoal como um lembrete atrevido: — *Na opinião do Dr. José Jucá, Diretor Geral é funcionário sobalterno.*

Leu e não reprimiu a exclamação: — *O jusíta não me perdoou!*

## UM APÓSTOLO DO NACIONALISMO

Alvaro Bomílcar da Cunha, jornalista, sociólogo e poeta, nascido no Crato foi o primeiro sucessor de Perdigão a ocupar a 5ª cadeira.

Deixou o Ceará na tenra idade de 24 anos, com destino ao Rio de Janeiro. Assentou praça no Exercito e, depois, ingressou na Escola Militar, donde foi desterrado com outros colegas para Mato Grosso, acusado de rebeldia, como autor de um movimento de indisciplina na Escola da Capital Federal.

Dedicou-se, desde então, á vida burocrática, exercendo suas funções nos Estados do Rio, Ceará, Pará, Amazonas e Território do Acre.

Levava consigo, por toda parte, a flama do ideal e da juventude.

No dizer de um seu biógrafo, sempre foi *"um homem de princípios, talhado para o dinamismo político; um construtor social, nutrindo seu coração com espírito de cavalheirismo e solidariedade..."*

Não é pequeno o número de jornais e revistas, de carácter político literário, que fundou e dirigiu.

De sua copiosa resenha bibliografica destacamos: "Poemas Sentidos", "O Preconceito de raça no Brasil" e "A política no Brasil ou o nacionalismo radical".

Neste último livro de crítica social e histórica, expõe o seu nacionalismo de fortes tintas, extremado e violento como uma torrente de primeiras águas, o qual, na severa crítica de António Augusto, chega a preferir o turco, ave de arribação comerciando no interior, ao português, nosso irmão pelo sangue, pela religião e pela história.

Lamentemos a sua lusitanofobia, talvez o seu maior pecado. Não há razões nem fundamento científico que para tal o autorizem.

Em lances de aventura, levaram os lusos para o Novo Mundo uma sociedade heterogênea e em movimento, com a sua cultura ainda não definida, com as suas técnicas desajustadas. Todavia, foram elemento colonizador por excelência dos trópicos.

Já pela heterosis de que são dotados os mestiços, tendo assim aptidão para resistir ao meio hostil, já por sua plasticidade e habilidade adquirida *"no longo contacto histórico com os povos da África, no ciclo mediterráneo", realizou o português uma obra de adaptação coroada de sucesso". "Obra de miscigenação, de consolidação da agricultura nos trópicos"*, insiste Gilberto Freire.

Afora o preconceito lusitanófobo, são livres, claras e puras as ideias de BOMILCAR.

*"Queiramos o estrangeiro; aceitemos de bom grado a sua colaboração, mas o estrangeiro que venha trabalhar nas zonas rurais, aumentando a produção, ou trazer capitais a empresas dêles necessitadas; não o que*

*venha estupir as cidades marítimas e explorar indústrias parasitárias, açougues e tavernas".*

Ergueu-se precisamente quando entre nós a campanha nacionalista se fazia necessária, quando o Brasil já espelhava abrolhando aquêle epígeo de corrução que, muito antes, Oliveira Martins lobrigara em Portugal: *"Eu vejo, não vêem todos? — uma decadência no carácter, uma desnacionalização da cultura".*

Aspirava, então, a ir para as praças públicas. Por isso dizia" *"o nacionalismo brasileiro, como o cristianismo original, já vai saindo das catacumbas ..."*

Saiu sim, mas foi ultrapassado pela indiferença da burguesia, esmagado pela corrução das ditaduras...

Apagaram na alma da mocidade o fogo do idealismo. E os que se rebelam contra a letargia do actual estado de coisas são taxados de extremistas.

Resta-nos ainda e sempre a velha politica.

Temos progredido?

Responderemos á pergunta, lendo nas páginas do escritor e sociólogo nacionalista mais esta rediviva advertência:

*"A política militante no Brasil sempre foi uma escola de egoísmo inteligente. A sua marcha e evolução se caracterizam num traço constante e inalterável que se poderia cramar um — eterno fugir á luta. Ela só tem uma tendência — fixar individualidades; e só alimenta uma aspiração constante: — não lutar".*

Refugiado na *turris eburnea* do seu ideal nacionalista, o nosso biografado permanece indiferente á politica. Embora com suficiente capacidade para enfrentar a luta partidária em sua província, excusa-se de escalar a murada dos cargos efectivos.

E tinha razão.

Abriu a campanha do nacionalismo filiado á corrente radical que tem como precursor José de Alencar e que se prende a Silvio Romero, Alberto Torres, Euclides da Cunha, quanto ao aspecto telúrico; mas recebeu o baptismo espiritual da filosofia de Farias Brito, alentando-se na pugna com Alcebíades Delamare, Afonso Celso e Jakson de Figueiredo, trazendo afinal para as praças públicas a sua profissão de fé católica, porém sempre acima dos partidos e fora deles, como se temesse o seu contágio ou corrução.

Ausentou-se do Ceará e vive ainda no Rio de Janeiro.

O historiador futuro que pretender estudar a evolução politica brasileira haverá de encontrar na trilra desse bandeirante algo de fecundo, legado á posterioridade pelas diversas sociedades por ele fundadas: a Propaganda Nativista, o Apostolado Nacionalista, a Ação Social Nacionalista, que são marcos de brasilidade, demarcando o passado e conquistando o porvir.

pação econômica de sua terra e vive uma compreensão sistemática de filosofia, pois,

*"A Pátria não é somente esta abstrata grandeza,*
*O Céu, a terra e o mar — cenários da existência!*
*Pátria é a sociedade, a raça, quint'essência*
*De um esfôrço genial plasmando a natureza.*

*"A Patria é uma expressão de força e de beleza,*
*O labor da colmeia: a Arte, a Indústria, a Ciência.*
*Vale a pena ser livre? Eis, pois, reverência*
*Ao pária que morreu pela nossa defesa".*

## A SENSIBILIDADE DO POETA

Disse alguém que a ciência possui preciosos dons que poderia confiar ás mãos da arte, para que esta os transfigurasse em visões formosas.

A emotividade de Álvaro Bomílcar soube tirar da Natureza o interessante brilho, o doce calor de ninho em que se aquece para viver o ideal.

O entusiasmo pelo que é belo fê-lo sonhar com a harmonia em tudo e assim ele marchou procurando atrelar o seu carro ás estrelas.

Não devo revolver uma seara para mim estranha como a poesia, arte que tem hoje os seus doutores, críticos privilegiados em hermetismo. A beleza é, porém universal e todos podemos sentí-la.

O vosso infatigável Dolor Barreira que escreveu para a posteridade a História da Literatura Cearense, depois de registar as homenagens da crítica a Álvaro Bomílcar como escritor nacionalista e sociólogo de original visualidade, disse que o mesmo "antes, como no tempo e depois de *Plêiade*, é poeta e poeta de puro sentimento".

E' fácil sentir a beleza que estremece nesta sua imortal poesia:

### *D I S T I N T.A*

*"Comece em tom de graça, e em tom de graça finde-a ...*
*A poesia dirá o serafim que és tú!*
*Ó tú que tens no corpo as produções da India:*
*— A canela, a pimenta, o sándalo e o bambu!"*

*"Da canela possuis a cor que me arrebata:*
*— A cor que ensombra e realça o teu perfil indu!*
*Um tanto de cabocla e um tanto de mulata:*
*— A lendária e gentil india Paraguaçu!"*

*Do sándalo o perfume — esse cheiro sem nome*
*Êsse ardor de quem ama, e sente o ideal fugir!...*
*Do sándalo o perfume — êsse cheiro sem nome*
*Que a tua boca exala enquanto estás a rir!"*

*"Mas quando, na banheira, entre florões amenos,*
*Divino o torso erecto esplende, airoso e nu;*
*Então tu tens a graça esplêndida de Vênus*
*E a solene altivez venusta do bambu*

*A musa que te adora e se consome finde-a!*
*A poesia já disse o serafim que és tú ...*
*Ó tú que tens no corpo as produções da India :*
*— A canela, a pimenta, o sándalo, o bambú!*

Mas, em nosso poeta, além desta exaltação do amor e do sonho, vibra viva admiração á terra e ao homem, á natureza bucólica a que ele chamou "Bíblia Verde", deixando-nos com este título um soneto, jóia da literatura nacional:

*Bíblia Verde*

*"Vive feliz e morre como um santo*
*O campónio, o caipira, o sertanejo,*
*Que, á distancia de um pobre lugarejo,*
*Habita, em paz, bucólico recanto".*

*"Pois quando a noite estende o negro manto,*
*Dorme sem ambição e sem desejo ...*
*E quando o sol envia o louro beijo,*
*De manhã, se levanta sem quebranto".*

*"Feliz, porque nasceu de pais obscuros,*
*E morrerá na rustica pureza,*
*Na boa fé dos sentimentos puros!"*

*"Sem ciência, nem livros em que estude,*
*Só sabe ler, conforme a natureza,*
*— A Biblia verde da existência rude!"*

Sucessor de Álvaro Bomílcar na Cadeira n. 5 deste sodalício foi o meu eminente professor na Faculdade de Direito do Ceará, Dr. Clodoaldo Pinto, *pontifex maximus* do Direito Penal, o qual, desde a criação

de mais cinco outras cadeiras no Instituto, passou a ocupar de número 21.

O seu grande mérito, glória para o Ceará, não cabe ser tratado nos exíguas limites de um modesto discurso. E eu não poderia me reportar a sua obra e ao seu talento, sem ferir a modéstia do mestre.

Senhores:

Há mais de meio século ao ingressar neste Instituto o eminente Tomaz Pompeu de Souza Brasil, concluía a sua oração com estas ainda oportunas palavras:

*"Há muito que fazer para aperfeiçoar as armas de combate com que os lutadores de hoje disputam as migalhas da vida; não é ao passado longínquo que iremos pedir lições: é nas observações e experiências dos nossos contemporâneos que precisamos aprender".*

Realmente, é da ciência de nossas condições básicas que necessitamos para engrandecer a terra e conduzir o homem: é de técnicas apropriadas ao novo meio, em que se chocaram três diversas culturas, que muito carecemos.

Disse alguém, e com acerto, que "os estudos da História e da Sociologia do Nordeste estão mais adiantados e são mais completos do que aquêles relativos á Economia e á Ecologia".

Enquanto vivemos mais preocupados com o passado, esquecemos o presente. Escasseiam os dados sôbre a botánica, a zoologia, a zootecnia, a agricultura, a economia rural e tudo, enfim, que conduz ao benefício financeiro regional.

Atravessamos, porém, a era política da humanidade, a qual, para vencer, para atravessar guerras ou crises, se mune de engenhos e invenções.

O suplicio de Tantalo esmagará os povos que não se libertarem pela ciência ....

E' que a civilização, conforme expressa um professor do Colégio de França, o Snr. Pierre Gourou, é uma chave que confere ao homem o poder de abrir a porta de acesso aos recursos naturais.

E está na alçada das elites que comandam a cultura construir esta chave.

Mas não será ela moldada, sem aquele profundo sentimento de amor ás nossas coisas, esta espécie de *moral dinámica* de que nos fala BERGSON, que é uma exigência de movimento e de progresso, constituida pelo apelo do herói e do santo.

Estas virtudes encontram-se na casa de BARÃO DE STUDART.

Há precisamente 64 anos, o ideal da tradição enriquece, numa função criadora dos valores humanos, este solo querido, em cujo humus o Ceará intelectual mergulha silenciosamente as suas raízes.

Eu vos agradeço, senhores do Instituto, a escolha do humilde operário que hoje, aos auspícios de vossa bondade, transpõe o limiar da vossa messe.

Grato e sensibilizado pelas palavras do vosso eminente orador, Professor Renato Braga, a quem admiro como lider do regionalismo científico, cultural, palavras que mais traduzem afinidades de pensamento e velha amizade, e ás quais eu sómente poderia responder com um sincero desejo de acção: venho para trabalhar.

## Do Dr. RENATO BRAGA

Senhores:

Há poucos dias festejou o Instituto do Ceará o seu 64º aniversário. Se fosse possivel aplicar-lhe a classificação de Lacassagne relativa á idade, diríamos que o Instituto estaria em plena primavera da velhice. Mas a vida não se mede só pelo tempo físico, mede-se também pelo tempo biológico. Nem sempre a idade civil caminha par a par com a idade metabólica. Variam frequentemente. Por isso existem velhos moços e moços velhos. Fatores outros fazem essa amplitude vital muito mais variável nas instituições culturais. Elas envelhecem quando deixam de recolher o fundo de verdade imanente a tôdas as cousas, quando abandonam a pesquisa proba e sistemática pelo caminho fácil da improvisação.

Por haver sabido conservar a devoção de seus fundadores aos estudos e ás investigações locais, o Instituto do Ceará não envelheceu e nem decaiu através do tempo. Lembra, pela constancia de seus propósitos, uma dessas carnaúbas sempre virentes, projetadas linheiramente para o alto, elevando-se da várzea adusta e esbrazeada para o céu azul, num arranco heril de quem busca a conquista de um ideal.

Nesses sessenta e quatro anos as suas atividades concretizam-se em milhares de páginas da magnífica *Revista do Instituto do Ceará*, verdadeira Enciclopédia de Cearensismo, onde o esfôrço, a competência e a dedicação de um grupo de estudiosos vêm reunindo os materiais indispensáveis ao conhecimento desta terra e da sua gente.

Sendo a missão do Instituto, traçada pelos seus preclaros fundadores, a de promover o estudo da história, da geografia e da antropologia estaduais e o fomento das letras em geral, nota-se, entretanto, ao examinar o acêrvo de seus trabalhos, a prevalência da historiografia sôbre as demais tarefas de seu vasto programa de ação.

A simpatia dos mais ilustres membros desta Casa pelos fastos provinciais projetou o Instituto no cenário da cultura nacional e tornou o seu órgão de publicidade um dos mais sérios e ricos repositórios de documentos não só da história cearense como da nordestina. Essa afeição pela historiografia não esmoreceu com o perpassar dos anos, continúa bem viva, tanto que o Instituto, na última sessão de 1938, quando assumiu a grave responsabilidade de escrever e editar um exaustivo trabalho acêrca do Ceará, optou por uma *História.*

Como explicar essa predileção, evidenciada de modo tão convincente? Não somos um grupo de profissionais fazendo carreira dos objetivos do Instituto. Pertencemos a profissões diversas e movidos pelo amor á terra natal é que lhe consagramos espontaneamente os minguados lazeres de uma rotina diária nem sempre liberal e risonha. Até agora, um único consócio, o eminente Barão de Studart, pôde dedicar-se de corpo e alma ás empreitadas do Instituto. Os outros, de ontem e de hoje, dão-lhe horas sobejadas de afazeres mais folgados ou mais apertados. Os estudos geográficos e etnográficos exigem trabalho de campo e de gabinete para o qual, praticamente, não dispomos nem de tempo e muito menos de recursos materiais para levá-los a cabo. Por isso, os escritos dessa natureza, além de poucos da *Revista,* não se caracterizam pela originalidade. Frente aos objetivos do Instituto, o caminho preferido foi o que conduz ás paragens da história. Sintonizava com à formação intelectual da maioria e era o mais acessivel a ser trilhado com segurança e resultados imediatos. Os fatos, em grande parte, jaziam ao alcance dos investigadores, nos arquivos locais.

Pelo grande amor ao passado e pelo muito que fizeram devemos destacar as figuras inolvidáveis do Barão de Studart, António Bezerra, Paulino Nogueira e Perdigão de Oliveira. Arrancaram dos arquivos poentos para a luz do sol, do esquecimento para a vida, a gente dos séculos XVII e XVIII, gente que viveu a gesta a um só tempo heróica e agónica do povoamento cearense. Capitães-mores, ouvidores, meirinhos. milicianos, sesmeiros, criadores, vaqueiros, plantadores, escravos, índios valentes ou sestrosos, aventureiros, arrematantes do dízimo, comerciantes, traficantes, funcionários, padres e frades, surgem em farándula dos documentos roubados ao desgaste do tempo e passam defronte dos olhos da nossa imaginação se o historiador insuflou-lhes o sôpro vital evocador da paisagem humana de que participaram.

Já possuimos magníficas monografias, ricamente documentadas, elaboradas com alma e talento, material sólido e incontestável para a reconstrução do nosso passado, numa síntese palpitante de vida, onde a atuação exterior, e, principalmente, o drama interior do homem cearense surjam com a intensidade e a verdade dos que vivem longas e peníveis agonias, entrecortadas por curtos momentos de bonança.

Senhores:

Contava Artur Neiva que, no seu tempo, um homem para galgar as posições culminantes da política, da administração ou das letras, bastava possuir a seguinte bagagem, por sinal bastante sumária: — um diploma, saber colocar os pronomes e conhecer alguma cousa de francês.

A observação do cientista baíano, para uma época que já vai distante, não se apagou de todo. Ainda se encontram representantes dessa curiosa fauna — e não são poucos — para os quais estão fora das lindes da Cultura os processos técnicos e os assuntos econômicos. Vivem no clima dos idealistas do século XVIII, que consideravam desprimoroso um intelectual tratar da Economia. Desconhecem o valor da Técnica, as suas relações com a Cultura e a História, ressaltadas com o eclodir da era maquinista da Europa Ocidental, após a derrocada do período napoleônico.

Nosso Instituto felizmente está livre desta caspa passadista e anti-cultural. Ao renovar o seu quadro, mais uma vez, como neste instante, fez recair as suas preferências sôbre um técnico que, ao valor profissional alia robustos conhecimentos dedicados á interpretação dos problemas cearenses, ao estudo dos seus homens e das suas cousas.

Nesta feliz oportunidade desejo destacar uma faceta assaz interessante da liberalidade que reina por aqui. Uma sociedade tão sizuda como esta, elege uma das expressões mais moças da inteligência conterrânea, o Professor Francisco Alves de Andrade e Castro, num preito á cultura das novas gerações e numa demonstração de que os mais velhos não se arreceiam da concorrência dos mais moços. Pelo contrário. A experiência dos primeiros casada ao entusiasmo dos segundos, gera o clima temperado deste sodalício, tão favorável á indagação e ao estudo.

Dedicando-se á Biologia aplicada á indústria animal, quer na cátedra quer nas páginas de trabalhos publicados, tem o Professor Francisco Alves de Andrade e Castro sabido ater-se ao justo limite da bôa observação, fora das raias escorregadias da fantasia e do cientificismo palavreiro. Entre os seus diversos estudos nesta dificil especialidade, destaco, pela feição original, o relativo ao comportamento de algumas raças bovinas em nosso meio. As conclusões a que chegou nesta notável memória, após cuidadosa análise estatística, não importam apenas ao zootecnista, são de molde a atrair a atenção dos que se interessam pelo evolver da vida animal no ambiente nordestino.

Dono de uma cultura clássica haurida na juventude, quando cursava o Seminário de Fortaleza, para depois diplomar-se em agronomia e ciências jurídicas e sociais, pode o Professor Francisco Alves de Andrade e Castro manter uma perfeita inteligência entre as humanidades e as ciências. E' um humanista, um legítimo herdeiro de Atena, que não cultiva pela metade o seu jardim. Para provar a assertiva aí está o magistral per-

fil que traçou de Juvenal Galeno. Acrescente-se mais o seu magnífico trabalho a respeito da educação rural e a sua destacada atuação na imprensa de Fortaleza. Pertence á privilegiada classe dos homens de ciencia que sabem escrever com punhos de rendas.

Senhores:

Dizia Anatole France que as academias eram como o céu. Nelas se entrava pela Justiça e pela Graça. E sendo a Graça mais querida de Deus, concluia maliciosamente Anatole que as academias admitiam mais pela Graça do que pela Justiça. Com o ilustre recipiendário da noite de hoje deu-se justamente o contrário. Os seus méritos foram pesados e repesados. Predominou a Justiça. A Graça desta vez foi vencida.

Snr. Prof. Francisco Alves:

Exêrço neste momento as funções de irmão porteiro desta ilustre Comunidade, com poderes para recebê-lo não como postulante, mas como um legítimo professo dos nossos ideais: — *Dignus est intrare in nostro corpore.*